
**MOBILIDADES, ESPAÇOS E RELAÇÕES SOCIAIS:
UMA BREVE ANÁLISE DO FILME “UP IN THE AIR”**

**MOBILITIES, SPACES AND SOCIAL RELATIONS:
A BRIEF ANALYSIS OF THE MOVIE "UP IN THE AIR"**

Bernardo Lazary Cheibub¹

Recebido em 21/07/2013

Aprovado em 25/09/2013

¹ Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo Cpdoc/FGV. Professor e Pesquisador da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF. bernardocheibub@id.uff.br

RESUMO:

Este trabalho é fruto das discussões realizadas em uma das sessões de Cineclubes organizadas pelo Grupo de pesquisa “Turismo e Cultura” (UFF) no ano de 2010, dos debates ocorridos em 2011 na disciplina “Turismos, Migrações, Exílios e as Teorias Contemporâneas da Mobilidade” do curso de Doutorado em História, Política e Bens Culturais (Cpdoc/FGV) e das trocas sobrevividas da disciplina optativa que ministrei no curso de graduação em Turismo da UFF em 2011 e em 2012, intitulada “Mobilidades, Lazer e Turismo”. A partir do filme *Up in the Air*, este artigo pretende discutir os significados que as mobilidades, em seus mais diferentes e interdependentes modos, fornecem às relações sociais construídas nos (inter) espaços e nas redes de sociabilidade contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE:

Mobilidades. Espaços. Relações sociais.

ABSTRACT:

This work is the result of discussions in a Film session organized by the research group "tourism and culture" (UFF) in year 2010, of the debates occurred in 2011 in course “Tourism’s, Migrations, Exiles and the Contemporary Theories of Mobility” of the Doctorate in History, Politics and Cultural Goods (Cpdoc/FGV) and of the exchanges of optional course that I gave in the graduation in Tourism of the UFF in 2011 and 2012, untitled “Mobilities, Leisure and Tourism”. From the movie “Up in the Air”, this article aims to discuss the meanings that mobilities, in his more different and interdependent modes, provides to social relations built in (inter) spaces and in networks of contemporary sociability.

KEYWORDS:

Mobilities; Spaces; Social relations.

1. INTRODUÇÃO

O filme “*Up in the Air*”¹ retrata a vida de Ryan Bingham, um dos melhores funcionários de uma empresa especializada em demissões. Ryan, interpretado por George Clooney, tem 35 anos e passa a maior parte de seus dias viajando por cidades norte-americanas, com uma rotina estruturada na funcionalidade e na inexistência de vínculos pessoais mais profundos. A impessoalidade que ocorre nos aeroportos, aviões, cadeias de hotéis e redes de locadoras de automóveis lhe trazem um sentimento de segurança e conforto. Além das viagens profissionais, Ryan divide seu tempo entre as palestras que ministra, pregando o desapego sentimental, e sua maior motivação: a perspectiva de alcançar 10 milhões de milhas no programa de fidelidade de uma companhia aérea, façanha que o levaria a um universo de privilégios. Contudo, seu estilo de vida é ameaçado com a contratação da jovem Nathalie Keener, que pretende substituir as viagens dos agentes por um processo de demissões via *webcam*. Além disso, Ryan começa a se envolver em alguns compromissos ao longo da trama, que, em certa medida, contradizem sua “filosofia” e o faz repensá-la: é obrigado por seu chefe a viajar com Nathalie, no intuito de ensiná-la a metodologia de seu trabalho; ainda que esporadicamente, começa a se relacionar com Alex, uma mulher de 34 anos também pertencente ao “mundo das mobilidades”; além de aceitar tirar fotografias em suas viagens para o casamento de sua irmã, resgatando de certa forma seus laços familiares.

Este artigo almeja discutir os significados que as mobilidades, em seus mais diferentes e interdependentes modos, fornecem às relações sociais construídas nos (inter) espaços e nas redes de sociabilidade contemporâneas. Tomando como pano de fundo o enredo do filme e em diálogo com alguns autores das ciências sociais que se voltam para o tema das mobilidades, vamos abarcar os significados dos **espaços** procedentes dos diversos deslocamentos, os quais conjugam, muitas vezes, o “trabalho”, a “casa” e a “vida social”.

¹ Título em português: “Amor sem escalas”. Lançado em 2009 nos Estados Unidos, dirigido e roteirizado - baseado no romance de Walter Kirn - por Jason Reitman e estrelado por George Clooney (Ryan Bingham), Vera Farmiga (Alex), Anna Kendrick (Nathalie) e Danny Macbride (Craig).

2. MOBILIDADES, ESPAÇOS E RELAÇÕES SOCIAIS

Os espaços podem mediar as relações humanas. Como Milton Santos, consideramos o espaço algo dinâmico onde se reúnem materialidade e ação humana (apud Cruz, 1999: 161). Para Michel de Certeau, o espaço é existencial assim como a existência é espacial; deste ponto de vista, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas” (1994: 202). Desta forma,

a viagem pode se dar internamente a uma sociedade específica diferenciada, não significando mais necessariamente um deslocamento geográfico, físico-espacial, mas, sobretudo um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos* ou, mesmo, entre papéis sociais do mesmo indivíduo (Velho, 2001: 20).

O cotidiano de Ryan Bingham evidencia notadamente um *continuum* de experiências relacionais e espaciais. Nesse sentido, parece relevante que reconheçamos a diferença entre “lugar” e “espaço” na concepção de Certeau (1994). O historiador pressupõe que um lugar é uma configuração instantânea de posições e que implica uma indicação de estabilidade. Por sua vez, o espaço é um cruzamento de móveis, é o efeito “produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (Certeau, 1994: 202). O autor extrai a possibilidade de dúvidas ao balizar: “Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (1994: 202). O atrativo turístico determinado por secretários, planejadores e agentes diversos se torna um espaço de lazer por seus usuários. Nessa perspectiva, entende-se o espaço como o lugar do dissenso, das tensões, das contradições.

No que concerne ao nosso personagem principal, vemo-lo perpassar constantemente pelo que Marc Augé chama de “não-lugares”. O autor define-os como *espaços* constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com estes, afirmando que:

[...] os não-lugares medeiam todo um conjunto de relações consigo e com os outros que só dizem respeito indiretamente a seus fins: assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária (1994: 87).

Na argumentação do antropólogo francês (1994), um espaço que não pode se definir como identitário, relacional e histórico constituirá um não-lugar.

Vamos ilustrar a concepção de Augé com uma sequência do filme, iniciada com uma expressão colocada pelo protagonista: “para me conhecer, voe comigo”. A câmera mostra-o arrumando sua compacta mala de maneira ágil e ao mesmo tempo meticulosa, em seguida fazendo *check-in* num aeroporto e passando de maneira conscientemente breve por todos os procedimentos para embarcar em mais um voo: “Estes toques amáveis mantêm meu mundo em funcionamento”, se referindo especificamente às relações sociais que ele tem com atendentes de *check-in* e recepcionistas de sala *vip* ao passar seus cartões de fidelidade, sendo saudado pelo nome e acompanhado de um belo e encenado sorriso. Nesta toada, Zigmunt Bauman, ao citar Augé, profere: “Os não-lugares não requerem domínio da sofisticada e difícil arte da civilidade, uma vez que reduzem o comportamento em público a preceitos simples e fáceis de aprender”² (2001:120). Nosso personagem principal continua a narrar: “Tudo o que você odeia quando viaja, ‘ar reciclado, iluminação artificial, máquinas de suco, *sushi* barato’, são lembretes de que estou em casa”. A imagem das salas de embarque é cortada para um *take* silencioso de singelas e pacíficas nuvens, seguido de uma cena em que ele se encontra em paz e confortavelmente instalado no assento da cabine de um avião, como se estivesse na poltrona preferida de sua casa.

Seriam então os aeroportos – supostamente espaços de trânsito – lugares a-históricos, não identitários e não relacionais? Assim como no roteiro do filme, John Urry (2007) matiza a teoria de Augé, chamando dialeticamente estes espaços de *Interspaces* (inter-espacos ou espacos intermediários). Para Urry, *interespace* é o espaco e tempo entre dois ou mais eventos resultantes de como as fronteiras entre tempo de viagem e tempo de atividades parecem cada vez menos visíveis: “Especificamente, muitas pessoas usam o tempo de viagem (e de espera) para manter contato com suas redes pessoais, cultivando uma ‘ausência presente’ e reorganizando seus eventos”³ (2007: 224). Isto no filme é extremamente perceptível quando vemos Ryan realizando tarefas e resolvendo coisas relativas ao seu trabalho, desde informações que ele recebe de seu secretário de “terra”, a

² Talvez não tão simples assim: em uma cena em que Ryan explica para Nathalie como escolher a fila de embarque mais rápida para passar pelos detectores de metais - em certa medida “estereotipando” algumas pessoas -, ele não deixa de identificar diferenças na apropriação do espaco e problematizar sobre as relações que se constroem nele.

³ Todas as citações diretas do livro *Mobilities* (2007) de John Urry – obra ainda não traduzida para o português - foram traduzidas pelo autor do presente artigo.

preparação de sua próxima palestra, a assinatura de papéis, até ao acolhimento do pedido a respeito do casamento da irmã, o agendamento do próximo encontro sexual com Alex ou a compra de gravatas numa loja do aeroporto; nitidamente engendrando “espaços” entre casa, trabalho e vida social. Conforme salienta Urry, as pessoas mantêm e (re) constroem suas redes sociais por meio de relações virtuais nestes espaços, demandando assim complexidades e constantes (re) elaborações (2007).

O *interespace* é essencial para o desenvolvimento e extensão do que Urry caracteriza como “capital de rede”, fruto destas múltiplas mobilidades e das novas tecnologias e redes de comunicação. Capital de rede é a capacidade de engendrar e sustentar relações sociais com pessoas em que há a necessidade de aproximação, gerando benefícios emocionais, financeiros e práticos. Na opinião de Elliott e Urry (2010), este capital, ao mesmo tempo em que pode apresentar pontos de contato com o capital econômico e, de maneira especial com o capital cultural, difere e possui certa autonomia em relação a ambos. Conhecer como se mover num mundo em rede é mais importante até do que o conhecimento de habilidades técnicas específicas. Viver temporalmente em rede significa estar continuamente em ‘movimento’, fisicamente e emocionalmente. Para Urry, um dos mais importantes elementos que abrangem este capital de rede (e que, conseqüentemente geram experiências desiguais na sua apropriação) é a Capacidade de movimento:

[...] andar distâncias em diferentes meio ambientes, ser capaz de ver e de embarcar em diferentes meios de mobilidade, ser capaz de carregar e locomover bagagens, ler o painel de informação, ser capaz de acessar informações computadorizadas, arranjar e rearranjar conexões e encontros, e habilidade, competência e interesse de usar fones móveis, mensagens de texto, *email*, *Internet*, *Skype*, e etc. (Urry, 2007: 197).

Voltando ao filme, Bingham está mais do que à vontade com estes componentes, se mostrando bastante habilidoso e competente em tornar seu cotidiano de mobilidades em uma experiência agradável, suave e, acima de tudo, eficaz. Podemos nomear nosso personagem com um termo utilizado por Elliott e Urry: *globals* (ou elites globais). Estes “seres” globalizados estão sempre em movimento, prontos para viajar a qualquer momento por conta de notícias que instantaneamente surgem; por isso, estão adaptados a esta sensação corpórea de velocidade e de mudança (Elliott e Urry, 2010). Também estão prontos para, em movimento, responderem (e resolverem) prontamente a mensagens, situações e problemas ou o que os sociólogos supracitados chamam de *instant response-mode*. Nesse sentido, vemos o personagem composto pela jovem Nathalie ainda mais à

vontade, falando ao telefone celular usando fone de ouvido, mexendo no seu *iPhone*, utilizando em diversas situações o *text message*⁴ e outros aplicativos do celular, *laptop* e diferentes aparelhos eletrônicos; o que vai ao encontro a uma pesquisa alemã citada por John Urry (2007), na qual para os jovens, mobilidade e comunicação têm um papel proeminente na maneira como eles organizam seu dia-a-dia.

As novas tecnologias de comunicação não estão no “banco de reserva” das relações humanas. “A fim de concretizar a propensão das ciências sociais em direção à incorporação do mundo dos objetos, é necessário examinar as várias maneiras em que objetos e pessoas são organizadas e reagrupadas através do tempo-espaço” (Urry, 2007: 50).

Segundo Bauman: “A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidades chegaram aos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação” (2001: 16). De acordo com Barry Wellman, nas sociedades em rede, as fronteiras são permeáveis, as interações são diversas, as conexões acontecem entre múltiplas redes, e as hierarquias podem parecer bajuladoras e repetitivas. Tais comunidades em rede não estão mais confinadas num lugar particular, mais “estendidas” geograficamente e socialmente. Num “olhar” diacrônico da questão, Wellman apresenta algumas rupturas/continuidades (aqui expostas de maneira ultra-sintetizada) na história das sociedades ocidentais do hemisfério norte até a intitulada sociedade de rede ou comunidades ‘pessoa-para-pessoa’ (apud Elliott e Urry, 2010):

- Comunidades de ‘porta-em-porta’ - espacialmente compactas, onde todos se encontravam e havia maior sobreposição da vida familiar, do trabalho e da amizade. Com o aumento da velocidade dos transportes e das comunicações de longa-distância, tais comunidades foram perdendo espaço.
- Comunidades de ‘lugar-para-lugar’ – por meio de telefones e emails, as interações acontecem dentro da **casa** (estes e outros aparatos eletrônicos transformam o lar num espaço de lazer autogerido).
- Comunidades ‘pessoa-para-pessoa’: desde os anos 1990, a pessoa se torna o portal, ou o “engenheiro” dos seus próprios laços e redes, não importando onde esteja.

⁴ Uma cena sintomática acontece quando seu namorado termina o relacionamento enviando-lhe um “torpedo”.

Se articularmos o que Wellman identifica como momento atual com cenas do filme, observaremos que o poder simbólico pode estar menos presente no espaço físico (na casa, na empresa) e nas chamadas instituições de base da sociedade (a Família, a Igreja, o Estado, etc..). Isto é reforçado por Bauman, ao afirmar que o poder se tornou extraterritorial, não mais cingido pelo espaço físico:

[...] o advento do telefone celular serve bem como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em relação ao espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida. Não importa mais onde está quem dá a ordem – a diferença entre “próximo” e “distante” [...] está a ponto de desaparecer (2001: 18).

Bauman, ao esmiuçar o que ele denomina Modernidade Líquida, assevera: “Agora é o menor, mais leve e mais portátil que significa melhoria e ‘progresso’. Mover-se leve, e não mais aferrar-se as coisas vistas como atraentes por sua confiabilidade e solidez é hoje recurso de poder” (2001: 21). Em suas palestras motivacionais, nosso “herói” dos tempos atuais propaga a ideia de desapego não só as coisas materiais, como aos relacionamentos, que em sua opinião, são os componentes mais pesados do cotidiano, eivados de negociações, argumentos, segredos e compromissos. E completa taxativamente: “mover-se é viver”.

Este “individualismo em rede” faz com que as pessoas possuam muitas conexões frágeis/débeis (*weak ties*), que, na opinião de Urry (2007), as vinculam ao “mundo”. Para o autor, tem crescido consideravelmente o número de *networks* e a necessidade de tempo para manter e nutrir tais redes, compostas, na maior parte das vezes, de laços efêmeros, coexistindo em várias direções, tendo como centralidade a eletrônica e/ou virtualidade. Assim, as comunicações estão reclassificando a natureza do “conhecido de...” e do “conhecer” pessoas através de uma enorme expansão dos laços (muito) “fracos” (Urry, 2007). Quanto mais redes formais e informais, mais oportunidades para criar, circular e compartilhar conhecimento e desenvolver e construir ‘capital’ novo. Em tais contextos, o capital de rede se torna essencial para que o indivíduo gerencie bem suas redes e escolha, quando e com quem quer se encontrar: é o que Elliot e Urry chamam de *network activations* (2010).

O personagem de Nathalie no filme - ao iniciar seu *workshop* com o termo *Glocal*⁵, defendendo a idéia das demissões *online* – desconsidera em certa medida a importância do que Urry chama de *meetings face-to-face* (encontros face a face), que também fazem parte deste mundo das mobilidades (2007). De acordo com o teórico, as relações mediadas pela *Internet*⁶ e as outras tecnologias articuladas às virtualidades e aos meios de comunicação de massa não substituíram a vontade de se deslocar para conhecer outros lugares e nem a necessidade de realizar tais deslocamentos para resolver situações que pelo computador (ou mesmo por telefone) são mais intrincadas de se conseguir. Podemos delinear esse segundo ponto ao ver Ryan desmoralizar Nathalie na frente do chefe de ambos, Craig, ao dizer que a mudança proposta por ela (as demissões *online*) não seria tão simples quanto o alvitado - pois havia uma metodologia complexa naquele processo, uma vez que a reação do demitido não poderia ser “controlada” pela tela do computador.

Urry recheia o debate, dizendo que os encontros podem ser estendidos pela tecnologia, mas nunca serão reduzidos a ela (2007); a intensificação dos contatos *online* fez e faz crescer a necessidade dos encontros co-presenciais: muitas viagens acontecem para a realização de novas conexões, estendendo redes ou sustentando as já existentes. Quanto mais redes, maior a necessidade de manter, cuidar e ocasionalmente se encontrar. Concluindo, as relações e outras “viagens” virtuais têm aumentado o imperativo das interações face-a-face ao invés de substituí-las: as redes pressupõem encontros intermitentes (Urry, 2007).

Viver num mundo de mobilidades rápidas e intensas depende do alcance da capacidade emocional das pessoas de manter e negociar ambos o público e o privado, e a vida familiar no vai-e-vem de empregos e residências (Elliott; Urry, 2010). Um exemplo conexo acontece quando Ryan vai impulsivamente até a casa de Alex em Chicago sem avisá-la, para se declarar a ela, pretendendo surpreendê-la. Ao fim, Ryan é que acaba surpreendido, pois Alex, apesar de estar no mesmo contexto das mobilidades, diferentemente dele, tem fortes vínculos afetivos (marido, filhos, casa), demonstrando que Bingham era somente um “parêntese” em sua vida.

⁵ Nathalie afirma que o global deve se tornar local.

⁶ Aqui entendida como o conjunto de todas as redes de computadores interligadas no mundo.

De acordo com Elliott e Urry (2010), se os *globals* estão entrelaçados com a cultura do capitalismo global, em parte se deve porque eles aprenderam a linguagem do cosmopolitismo, e conseqüentemente, se distanciaram do que é 'local'. Para eles, estar imóvel numa sociedade de mobilidades intensas é um tipo simbólico de morte. Contrariamente, estar em movimento proporciona um sentido de independência e segurança.

Numa cena cortada pelo diretor⁷, Bingham, após ter uma relação secundária e superficial com um homem até então desconhecido que estava sentado ao seu lado no avião, narra (enquanto a imagem mostra os dois saindo da aeronave em direção ao *lobby* do aeroporto):

Trocamos cartões de visitas e guardamos entre incontáveis outros. Estes não são apenas meus amigos, como são os melhores. Triste? Não muito. Somos um grupo ocupado. Este é o meu elemento. Devo ser alguma mutação, uma espécie nova. Eu vivo entre as margens de meus itinerários.

Sobre isso, Urry (2007) comenta que neste mundo não há estranhos, apenas membros potenciais das redes de pessoas em eterna expansão. Parece-nos que o discurso de desapego que Bingham faz nas conferências⁸ está em harmonia com sua rotina veloz e dinâmica e suas relações com pessoas e lugares demonstrando vínculos transitórios⁹, mas que, pelo menos aparentemente, o satisfaz¹⁰. Bingham está em contato constante com “não-pessoas”, alguém que está presente, mas a quem os outros tratam como se ele não estivesse ali¹¹, (Mars; Nicod, 1984: 695); e tem frequentemente o que Bauman nomeia de um “encontro de estranhos”, bem ilustrado pela cena extra descrita acima:

[...] um evento sem passado. Frequentemente é também um evento sem futuro (o esperado é que não tenha futuro), uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião (Bauman, 2001: 111).

⁷ Produzida inicialmente como alternativa ou complementação da cena já mencionada “para me conhecer, voe comigo” - por isso, só pode ser vista nos extras do filme em DVD.

⁸ Ele começa a palestra intitulada “O que você leva na mochila” com a seguinte pergunta: “Quanto pesa sua vida?”.

⁹ O fato de ele demitir pessoas diariamente o faz precisar e acreditar neste discurso de desapego para poder continuar seguindo seus “itinerários”. Como ele mesmo diz para Nathalie: “É a situação mais pessoal que você vai encontrar”; sendo assim, ele tenta torná-la mais impessoal para prosseguir vivendo “sem escalas”.

¹⁰ O filme deixa bem claro o quanto ele se sente um peixe fora d'água em casa, em “terra”, temendo a qualquer momento ser “invadido” por compromettimentos e vínculos mais duradouros.

¹¹ Podemos exemplificar com os já mencionados recepcionistas de hotel e de salas *vip*, atendentes de *check-in*, garçons, *barmen* e etc.

Diante desse panorama, quais significados as mobilidades podem fornecer para as ciências sociais, notadamente a sociologia? Urry (2007), ao fazer uma analogia à crítica de Marx ao fetichismo das mercadorias (produzido pelo capitalismo), faz sua crítica ao que ele denomina como fetichismo das mobilidades, (que por sua vez, é produzido pelo que Lash e Urry avocam de capitalismo desorganizado¹²) suscitando indiretamente novos e extremos tipos de desigualdades, alargando especialmente as sociais. Em outras palavras, o ‘capital de rede’, ao se tornar significativo na sociedade, passa a gerar uma série de desigualdades: o suporte de todo o fluxo dos ‘mundos’ relacionados aos negócios das elites globais é um enorme staff imóvel localizado nas sedes das empresas – algo que Urry já colocara em outros trabalhos, de que para o funcionamento do mundo das mobilidades, é necessária uma enorme quantidade de imobilidades. Ao mesmo tempo, quanto maior a escala do capital de rede e as possibilidades que surgem desta, mais acesso ao capital é necessário para continuar dentro da “*networked society*” (2010).

Ao articularmos esta crítica ao turismo – um dos principais causadores de mobilidades do/no mundo contemporâneo -, podemos perceber que desde as suas primeiras experiências no transcorrer da segunda metade do século XIX ele possuía um caráter distintivo e fundamentalmente desigual, destacado pelo escritor Eugen Weber ao analisar a utilização do termo: “[...] como um dicionário de 1876 explicava, as perambulações e outras atividades de pessoas que viajavam por ócio, curiosidade ou, simplesmente, pelo prazer de viajar. Seria possível acrescentar: e pelo prazer de dizer que tinham viajado” (1988: 216). Destaque para “o prazer de dizer que tinham viajado”, uma das, se não a principal motivação desta manifestação sócio-espacial e cultural nomeada turismo. Numa cena no mínimo curiosa, a irmã de Ryan faz uma distinção “às avessas” quando justifica a ideia do painel montado de fotografias de lugares em que ela não esteve presencialmente - fruto da falta de dinheiro dos noivos, impedindo-os de realizar a lua de mel: “o fato de não podermos viajar não nos impede de ter as fotos”. Na indústria do turismo, as palavras e as imagens reforçam o imaginário, e, por conseguinte, a vontade e a possibilidade de concretização da viagem. No exemplo supracitado, a fotografia evoca a “memória”, não do vivido, mas do imaginário (geralmente de lugares que são famosos por serem famosos). “Sabemos, antes de mais nada, que existem palavras que fazem

¹² De acordo com os autores, o capitalismo desorganizado é embasado por uma poderosa e estruturante economia de signos e espaços (apud Urry, 2007).

imagem, ou melhor, imagens: a imaginação de cada um daqueles que nunca foram ao Taiti ou a Marrakesh pode se dar livre curso apenas ao ler ou ouvir esses nomes” (Augé, 1994: 87).

Numa cena em que Ryan e Alex expõem seus cartões de fidelidade numa “disputa lúdica”, fazendo comentários sobre os serviços de diferentes marcas (Locadoras de veículos, Hotéis, Cia aéreas e etc.), podemos analogamente afirmar que eles demonstram imenso prazer em dizer que são viajados, e que curtem todos os paparcos, prêmios e vantagens oriundos dos seus consumos e estilos de vida. “A liberdade de escolha, eu lhes digo, é de longe, na sociedade pós-moderna, o mais essencial entre os fatores de estratificação. Quanto mais liberdade de escolha se tem, mais alta a posição alcançada na hierarquia social pós-moderna” (Bauman, 1998: 119). Nas palavras de Elliott e Urry, os frequentes programas de milhagens a que têm acesso os *globals* geram ansiedades em relação ao *status*, conferindo prestígio e poder simbólicos entre seus membros; estas “elites” estão ressignificando o sentido de pertencimento durante sua ação nos lugares de consumo (2010). Na mesma cena citada acima, após Ryan contá-la sobre o objetivo de conquistar as tais milhas, Alex avalia: “O programa de milhas excita a gente. Humilhante é o começo”; e ele corrige “Não é humilhante ser leal”, o que parece inicialmente contraditório ao conteúdo de suas palestras; entretanto pode-se hipoteticamente defender Ryan ao dizer que ele é leal ao que acredita, a sua vida móvel, suas necessidades (reais ou imaginárias) e sua liberdade de escolha. Bauman elucida a suposta contradição, ao esclarecer as nuances destes lugares de consumo, estendidos aqui para qualquer relação consumista:

Os lugares de compra/consumo oferecem o que nenhuma ‘realidade real’ externa pode dar: o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança. Dentro de seus templos, os compradores/consumidores podem encontrar, além disso, o que zelosamente e em vão procuram fora deles: o sentimento reconfortante de pertencer – a impressão de fazer parte de uma comunidade (2001: 116).

No caso de Ryan, ao conquistar as 10 milhões de milhas, ele faria parte de uma “comunidade” de sete pessoas em todo o mundo¹³. Outra cena ilustrativa acontece quando Bingham, após uma de suas irmãs afirmar por telefone que ele estava muito isolado, retruca ironicamente: “mas eu estou cercado de gente”, enquanto caminhava pelo *lobby* do aeroporto observando calmamente (e

¹³ Em uma determinada cena, Bingham comenta que mais pessoas já pisaram na lua, demonstrando com isso ser um feito extremamente simbólico.

podemos arriscar, prazerosamente) algumas lojas e produtos em exposição. Comparece esta atitude com o que ajuíza Bauman, ao continuar a descrever os lugares de consumo:

Estes lugares encorajam a ação e não a interação. Compartilhar o espaço físico com outros atores que realizam atividade similar dá importância à ação, carimba-a com a 'aprovação do número' e assim corrobora seu sentido e a justifica sem necessidade de mais razões (2001: 114).

Com base no capítulo “*Consuming to excess*” do livro *Mobile Lives* (Elliott e Urry, 2010), elencamos alguns aspectos dessa voraz cultura de consumo:

- a formação identitária no mundo contemporâneo a partir do consumo de bens e serviços através do qual se produz o capital simbólico: uma consequência das mobilidades múltiplas são as identidades móveis.

- as experiências de consumo permitem ao indivíduo produzir-se e reproduzir-se. Elas fazem do *self* uma questão de projeto.

- o processo-chave que gera esse tipo de cultura consumista é o da movimentação das pessoas para outros lugares.

Sobre este último ponto, Pico Iyer, citado por Urry (2007), identifica claramente uma “casta” de pessoas, uma tribo transcontinental de perambulantes... os quais transitam por *lounges*, leitores eternos de portões de embarque. Na visão de John Urry, estar em movimento se torna tanto para indivíduos ricos como para alguns pobres um “*way of life*” (um modo de vida) através do globo: “[...] as pessoas estão viajando mais vezes e mais rápido, e frequentemente, passando de fato mais tempo “*on the road*” (2007: 4). Uma cena emblemática acontece durante o voo em que Ryan finalmente conquista seu mais almejado objetivo: o “comandante símbolo” da companhia aérea senta ao seu lado para lhe entregar o cartão de fidelidade e pergunta de onde ele é; Ryan pensa por alguns segundos e responde lucidamente: “Eu sou daqui”.

John Urry alega que o paradigma das mobilidades está para além do deslocamento físico-espacial, sendo este apenas mais uma de suas interdependentes formas, arroladas abaixo (2007: 47):

- . A mobilidade corporal das pessoas por causa do trabalho, lazer, vida familiar, prazer, migração e fuga, organizada em termos de diferentes modalidades de tempo-espço (desde deslocamentos diários a um exílio existencial).
- . O movimento físico de objetos para produtores, consumidores e varejistas; bem como o envio e recebimento de presentes e lembranças.
- . A mobilidade imaginativa efetuada através das imagens de lugares e povos que aparecem e são difundidos em vários meios de comunicação visuais e impressos.
- . Mobilidade virtual muitas vezes em tempo real, transcendendo assim a distância geográfica e social.
- . A mobilidade comunicativa através de mensagens pessoais por meio de SMS, textos, letras, telégrafo, telefone, fax e aparelhos móveis.

Urry (2007) enxerga os sistemas de mobilidades como um conjunto de poderosos e interdependentes sistemas de conhecimento que organizam a produção, o consumo, as viagens e as comunicações em torno do mundo. Estes sistemas estão majoritariamente “além” e “acima” das fronteiras nacionais. Diferentemente do que as ciências sociais têm realizado até o momento, carece pensar neles de maneira articulada, para além das suas infraestruturas, sem generalizar suas características mais particulares (Urry, 2007). O próprio Urry enfatiza que a viagem e o transporte devem ser compreendidos não como determinações individuais ou exclusivamente motivadas por cálculos de custos e benefícios, e sim através de exames dos seus sistemas e processos analisados por meio do novo paradigma das mobilidades (2007).

“Este novo paradigma por contraste enfatiza uma congregação complexa entre estas diferentes mobilidades que podem fazer e manter contingentemente conexões sociais através de múltiplas e variadas distâncias” (Urry, 2007: 48). Urry questiona o argumento de que as mobilidades são simplesmente novas. Para ele, novos são alguns arranjos e mudanças tendo como elementos centrais as mobilidades e que afetam (por inclusão ou exclusão) cada vez mais um número maior de pessoas:

[...] a escala do movimento ao redor do mundo; a diversidade dos sistemas de mobilidade agora em jogo; o significado especial da expansão do sistema automobilístico e de seus imponentes riscos; as interligações elaboradas entre os deslocamentos espaciais e as comunicações; o desenvolvimento dos domínios de mobilidade que ignoram as fronteiras nacionais; a relevância do movimento para a governabilidade contemporânea e **uma importância crescente das múltiplas mobilidades para a vida social e emocional das pessoas** (2007: 195).

Os sistemas móveis, cada vez mais rápidos e mais velozmente produzidos e difundidos, contrastam com as vidas móveis, menos rápidas na capacidade de absorção, adaptação, transformação, edição e apropriação desses sistemas (Elliott e Urry, 2010).

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distante de qualquer possível julgamento à vida do personagem central da trama, Bingham nos mostra paulatinamente sentimentos contraditórios na sua biografia “móvel”. Devemos analisar esta nova maneira de estar no mundo (ou melhor, de se mover no mundo) com acuidade, sem radicalizações e/ou juízos de valor. Contudo o filme faz, nem sempre de maneira sutil, um julgamento moral, ocasionalmente optando pela vida localizada, apegada ao território, onde estariam os verdadeiros valores humanos. Isto fica evidente na penúltima cena, que expõe depoimentos de pessoas que, na vida real, passaram pela experiência da demissão. Em suas falas, há um tipo de ode à família e a importância dela na *recuperação* psicológica e moral dos demitidos. *Recuperar o “fôlego” ao estar em família*: esta é uma mensagem subliminar que se apresenta para os expectadores quando Ryan vai ao casamento da irmã e vive naqueles dias alguns incidentes que o reconectam à vida familiar (*ao eixo*, pode-se assim dizer)¹⁴.

Durante a última cena, a narração feita pela voz do próprio Ryan, mostra – por meio de uma tentativa poética – a realidade, não só da sua, mas de todas as vidas “móveis” da contemporaneidade:

Hoje à noite as pessoas chegarão em casa com cães pulando e crianças gritando. Os cônjuges perguntarão sobre como foi o dia e elas irão dormir. As estrelas sairão de seus esconderijos diurnos; e uma dessas luzes, mais brilhante que o resto, será a ponta da asa do avião em que estarei.

Ao final do filme, ele aponta para a liberdade de escolher quando se comprometer ou não, e que se podem ter relações identitárias e históricas nos intitulados não-lugares. Após algumas desilusões e ressignificações, Ryan Bingham, ao olhar para o painel de embarques, finalmente solta sua mala e

¹⁴ Um exemplo sintomático dessa reaproximação de Ryan com a família acontece quando, após atingir sua tão almejada marca, o personagem transfere uma quantidade significativa de milhas para que sua irmã e o noivo pudessem realizar uma viagem de “volta ao mundo”.

se abre para o que pode vir, deixando algumas questões “em suspenso”¹⁵. Fazendo conexões e escalas com a construção “Urryana” do paradigma das mobilidades, esperamos ter movimentado ideias, prontas para embarcar em novos voos.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. 1994. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus.

BAUMAN, Zigmunt. 2001. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. 1998. “Turistas e vagabundos: os heróis e as vítimas da pós-modernidade”. In: BAUMAN, Zigmunt. O Mal-estar da pós-modernidade. (pp.106-120). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

CERTEAU, Michel de. 1994. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

CRUZ, Andréa Góes da. 1999. “Espaço urbano e transformações da subjetividade da criança e do adolescente”. In: CASTRO, Lúcia Rabello de (Ed.) Infância e adolescência na cultura de consumo. (pp. 141-174). Rio de Janeiro: Nau.

ELLIOTT, Anthony e URRY, Jhon. 2010. Mobile Lives. New York: Routledge.

MARS, Gerald. e NICOD, Michael. 1980. The World of Waiters. London, Marion Beyars.

URRY, John. 2007. Mobilities. Cambridge: Polity Press.

VELHO, Gilberto. 2001. “Biografia, trajetória e mediação”. In: _____ e KUSCHNIR, Karina. (Eds.) Mediação, cultura e política. (pp. 13-27). Rio de Janeiro: Aeroplano.

WEBER, Eugen. 1988. França fin de siècle. São Paulo: Companhia das Letras.

¹⁵ Tradução literal de “*Up in the Air*”.